

MORTIFICAR E VIVIFICAR

Quando começamos a caminhar na formação espiritual, começamos a compreender que as disciplinas espirituais são meios de graça e que se constituem verdadeiros “exercícios para piedade”.¹ Contudo, é importante responder a questão: mas afinal, quais são as disciplinas espirituais? Quais são as práticas por meio das quais a igreja, ao longo de séculos, tem buscado crescimento na piedade, abrindo espaço para que o Espírito de Cristo possa gerar Cristo em nós?

Dallas Willard nos lembra que não devemos nos preocupar em praticar todas as disciplinas espirituais, mesmo por que a lista é variada e imensa. Além disso, é importante lembrar que existem muitas disciplinas que foram celebradas no passado e que atualmente são pouco conhecidas e menos ainda praticadas, como a *Lectio Divina* e a Vigília, por exemplo.²

Tradicionalmente as disciplinas são divididas em Disciplinas de Abstenção e Disciplinas de Engajamento.³ As disciplinas de abstenção são práticas que nos levam a sobriedade, ao uso moderado dos dons de Deus por meio da renúncia temporária a eles.⁴ São realidades legítimas das quais abrimos mão desejando que o Senhor possa, por meio dessas disciplinas, colocar em ordem nossos apetites e desejos. São disciplinas de abstenção o jejum, a solitude, o silêncio, a frugalidade, a castidade, a vigília, o sacrifício, entre outros.⁵

Já as disciplinas de engajamento são disciplinas que nos impulsionam e nos engajam na direção dos meios de graças, em um movimento contrário ao das disciplinas de abstenção. Enquanto o papel das disciplinas de abstenção é mortificar nossos apetites e desejos que nos levam a pecar, as disciplinas de engajamento norteiam nosso apetite para o Eterno e seu amor.⁶ Juntas elas são a respiração da vida cristã, a inspiração e a expiração. São disciplinas de engajamento a meditação, a oração, a adoração, a celebração, o serviço, a comunhão.⁷

Cornelius Plantinga ressalta que o ritmo do agir santificador do Espírito Santo em nossa vida é um passo-a-passo no qual dá-se um passo na direção da mortificação do velho eu e um passo de vivificação do novo eu.⁸ A santificação realizada pelo Espírito em nós é um processo no qual simultaneamente o Espírito Santo nos leva a mortificar velhos hábitos pecaminosos arraigados – o aspecto negativo no qual deixamos de fazer algumas coisas – tanto quanto gera em nós os pensamentos, sentimentos e atitudes de Cristo – o aspecto positivo no qual passamos a fazer outras coisas.

A mortificação e a vivificação são duas faces da mesma moeda, pois a velha natureza é mortificada ao mesmo tempo em que a vida de Cristo em mim é vivificada. Sendo assim, as disciplinas de abstenção tem o objetivo de mortificar e as de engajamento tem o objetivo de vivificar. Logo, deve haver um balanço entre elas, sabendo que épocas específicas de nossa vida pedirão disciplinas especiais, como se fossem nutrientes que necessitamos em tempos de necessidade.

Tim Keller, falando sobre idolatria, afirma que “se você extirpar o ídolo e fracassar em ‘plantar’ o amor de Cristo em seu lugar, o ídolo irá crescer de volta. O júbilo e o arrependimento tem que acontecer ao mesmo tempo”.⁹ Keller demonstra com outra linguagem o mesmo princípio: só conseguimos nos afastar do pecado e crescer em santidade

¹ WILLARD, Dallas. *The Spirit of Disciplines*. New York: HarperCollins, 1991, p.156

² WILLARD, Dallas. *The Spirit of Disciplines*. New York: HarperCollins, 1991, p.157

³ Richard Foster, em seu classic “Celebração das Disciplinas” utiliza a divisão “Disciplinas Interiores”, “Disciplinas Exteriores” e “Disciplinas Comunitárias” (FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina* – 2a. Edição. São Paulo: Ed. Vida, 2007).

⁴ WILLARD, Dallas. *The Spirit of Disciplines*. New York: HarperCollins, 1991, p.159

⁵ WILLARD, Dallas. *The Spirit of Disciplines*. New York: HarperCollins, 1991, p.178

⁶ WILLARD, Dallas. *The Spirit of Disciplines*. New York: HarperCollins, 1991, p.176

⁷ Willard situa as disciplinas da confissão e da submissão como disciplinas de engajamento, mas pessoalmente creio que o papel das mesmas é de mortificar. Logo, pessoalmente as classificaria como disciplinas de abstenção (WILLARD, Dallas. *The Spirit of Disciplines*. New York: HarperCollins, 1991, p.158).

⁸ PLANTINGA, Cornelius. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.93

⁹ KELLER, Timothy. *Deuses falsos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.150

quando a alegria da descoberta que somos amados por Jesus em nós é simultânea com o arrependimento pelos nossos pecados. A mortificação está ligada ao arrependimento verdadeiro pelos nossos pecados que levaram Cristo a cruz do calvário. A vivificação está ligada a alegria e gratidão da vida de Jesus vivendo em nós agora pelo seu Espírito.

Creio que a metáfora do jardim utilizada por Keller pode nos ajudar a compreender com uma clareza singular o papel de ambos os tipos de disciplinas. Sabemos que a jardinagem é realizada por dois movimentos: arrancar as ervas daninhas e plantar boas sementes. Se simplesmente arrancarmos as ervas e não plantar nada em seu lugar, logo as ervas daninhas virão. Ao mesmo tempo, é necessário o trabalho de arrancar para abrir espaço para a boa semente crescer. Arrancar por meio da mortificação e plantar boas sementes por meio da vivificação. Afinal, como afirmou Dar Hammarskjöld, “Quem quer manter um jardim bonito não guarda um canto para as ervas daninhas”.¹⁰

O PONTO DE PARTIDA

Precisamos começar a caminhar na graça através das disciplinas para crescermos em Cristo, mas afinal, por onde começar? Existe um ponto de partida, alguma disciplina que seja a largada dessa fantástica caminhada? Cremos que sim, pois para executarmos todas as demais disciplinas precisamos antes de tudo conhecê-las. E onde podemos aprender sobre as disciplinas? Nas Sagradas Escrituras! A Bíblia é nossa mestra e portanto é o marco zero das disciplinas espirituais: o lugar onde tudo começa. Podemos dizer que as Escrituras são o fundamento das disciplinas e portanto a primeira disciplina que devemos abraçar com todo amor é a meditação nas Sagradas Escrituras.

Nossa longa tradição Reformada insiste que as Escrituras são a nossa única regra de fé e prática.¹¹ Sendo assim, as Escrituras são o fundamento de tudo e sem a orientação das Escrituras não poderemos desempenhar as demais disciplinas satisfatoriamente, visto que a Palavra é que nos ensinam a orar, jejuar, servir, confessar e etc. As Escrituras são o nosso marco zero, nosso ponto de partida e mais do que isso: nosso ponto de referência, para que determinada disciplina não seja distorcida e assim cause mais dano do que benefício. Exemplificando, as Escrituras nos ensinam a jejuar, mas nos ensinam também que nosso jejum não deve ser motivo de orgulho espiritual, ou ainda não devemos usar o jejum como forma de chantagear a Deus. O jejum bíblico deve vir acompanhado de uma profunda humilhação e rendição ao Pai. A Bíblia é nosso ponto de início e nosso ponto de referência.

Logo, é nas Escrituras que aprendemos as demais disciplinas, inclusive e especialmente a oração. Bonhoeffer ressalta que é nos salmos que aprendemos a orar e que a “a oração cristã está firmemente alicerçada na Palavra revelada”.¹² Em outro momento, Bonhoeffer deixa claro que “a meditação na Palavra conduz a oração”.¹³

Eugene Peterson destaca que a meditação precede as demais disciplinas pois o Eterno tem a primeira palavra. Sendo assim, “a oração nunca é a primeira palavra, é sempre a segunda. Deus diz a primeira. A oração é a réplica, não o primeiro ‘discurso’ e, sim, a ‘réplica’”.¹⁴ Peterson chega a demonstrar em seu livro “O pastor que Deus usa”¹⁵ como o livro dos salmos foi estruturado em cinco saltérios,¹⁶ muito provavelmente para responder ao cinco livros da Torá (Gênesis a Deuterônimo), nos quais Deus revela a si mesmo a Israel. Dessa forma, as orações dos salmos teriam sido estruturadas em uma coletânea na qual a mentalidade é que orar é responder a Palavra revelada de Deus de forma pessoal e sincera, mas ainda sim uma resposta.

Essa primazia das Escrituras como fundamento da vida espiritual fica clara quando notamos que o salmo que abre os saltérios é um salmo que enfatiza exatamente a vida de meditação nas Escrituras: o Salmo 1. O Salmo 1 é um salmo de sabedoria que mostra como é a vida daquela que conhece e vive a revelação do Eterno, seu prazer está na Palavra e nela reflete dia e noite, procurando moldar sua vida pelas Escrituras.¹⁷ Portanto, as Escrituras são o fundamento da vida devocional como um todo e a meditação nas Escrituras é o fundamento das demais disciplinas, é a disciplina espiritual que funciona como um marco zero.

¹⁰ COVEY, Stephen. *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes* – 53a Edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015, p.369

¹¹ Confissão de Fé de Westminster, Capítulo 1 – Da Escritura Sagrada, Artigo 2.

¹² BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 7a Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.37

¹³ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 7a Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.73

¹⁴ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000, p.43

¹⁵ PETERSON, Eugene. *O pastor que Deus usa*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

¹⁶ Os saltérios são: Livro I: Salmos 1-41; Livro II: Salmos 42-72; Livro III: Salmos 73-89, Livro IV: Salmos 90-106 e Livro V: Salmos 107 -150.

¹⁷ VANGEMEREN, WILLEM A.: Psalms. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. vol. 5. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1991, p. 54